

Com o fim do jejum de ofertas na bolsa brasileira, Alper Seguros destaca a importância da blindagem executiva e da governança na prestação de contas

Após um "jejum" de quase cinco anos sem ofertas públicas iniciais (IPOs), o mercado de capitais brasileiro ensaia uma retomada histórica. A reabertura da B3 para novas listagens abre uma janela crucial de liquidez para as empresas, mas também acende um alerta para as lideranças corporativas: o retorno ao pregão exige uma estrutura de gestão de riscos financeiros e jurídicos muito mais robusta do que no ciclo anterior.

Especialistas apontam que as operações deste novo ciclo servirão como "divisor de águas" para o mercado, funcionando como um termômetro para as companhias que planejam acessar a bolsa ainda este ano. No entanto, para que o movimento seja sustentável, a preparação precisa ir além dos números.

Gestão de risco além do valuation

Embora o mercado tradicionalmente foque no valuation e na demanda imediata dos investidores, operações dessa magnitude exigem uma camada complexa de transferência de risco. Em setores de alta regulação e capital intensivo, como infraestrutura, energia e tecnologia, as incertezas são elevadas. Para mitigar eventuais alegações de omissão ou erro material em documentos da oferta, a utilização do seguro que cobre esta oferta pública, intitulado POSI (Public Offering of Securities Insurance) passa a ser peça fundamental na estratégia financeira.

Diferente de apólices tradicionais, o POSI atua como uma ferramenta estratégica de viabilização econômica, protegendo emissores, acionistas vendedores e administradores.

"Preparar uma empresa para o escrutínio do mercado aberto não se trata apenas de emitir uma apólice, mas de realizar uma engenharia de risco minuciosa que suporte o expressivo volume de materiais, o alcance (reach) da oferta e as exigências rígidas de conformidade do Novo Mercado", afirma Fábio Ursaia, SVP de Riscos Corporativos e Resseguros da Alper Seguros.

Responsabilidade dos executivos e a transparência de informações

O grande desafio desta nova era de IPOs reside na capacidade das empresas de garantirem a qualidade das informações prestadas e na proteção ao valuation (ROI) esperado pelos stakeholders. Mais do que proteger o patrimônio da companhia, o foco das novas estruturas de seguros está na severa exposição dos executivos. No processo de abertura de capital, o nível de prestação de contas atinge o ápice. Os administradores respondem diretamente, inclusive com o patrimônio pessoal, pela fidedignidade de cada projeção e dado financeiro divulgado no prospecto.

A necessidade dessa blindagem fica evidente ao olharmos para o histórico de mercados mais maduros. Na NYSE (Bolsa de Nova York), por exemplo, são frequentes os casos de class actions (ações coletivas) movidas por investidores logo após IPOs, motivadas por alegações de que as lideranças omitiram gargalos operacionais ou inflaram dados de mercado. Sinistros dessa natureza costumam congelar os bens dos executivos e exigir indenizações milionárias, provando que falhas na prestação de contas podem ser fatais para o corpo diretivo.

"O seguro deixou de ser apenas proteção patrimonial e passou a ocupar um papel de destaque como instrumento de governança e segurança jurídica em transações estratégicas. Ele é o garantidor de que a diretoria possa gerenciar o crescimento da empresa com tranquilidade", completa Ursaia.

Expertise sob a ótica de uma cativa

Diante deste cenário de retomada, a Alper Seguros se posiciona como expert em assessorar

empresas que pretendem acessar o mercado de capitais, desenhando soluções sob a ótica de uma estrutura cativa. O papel da consultoria vai muito além da simples contratação de seguros: consiste em analisar profundamente a operação para definir estrategicamente qual parcela de risco a empresa deve reter, qual deve ser efetivamente transferida para o mercado de resseguros e sob qual custo otimizado.

Na prática, quando o mercado de seguros aceita e chancela esses riscos, ele emite um forte sinal de confiança ao mercado, de maneira ampla. Ao assumir a responsabilidade financeira por eventuais falhas de informação no prospecto do IPO, os especialistas dessas companhias validam a governança da empresa que abre o capital. Assim, contar com o respaldo de seguradoras funciona como um selo de credibilidade e rigor técnico, elevando a percepção de qualidade da transação financeira aos olhos dos investidores.

Essa abordagem consultiva de alta especialização garante eficiência financeira e previsibilidade, servindo como o porto seguro necessário para as companhias que desejam surfar a nova onda de liquidez da bolsa brasileira com total segurança jurídica.

Fonte: Loures, em 01.06.2026